

## Preço da assignatura

Na cidade	Anno . . . . .	1\$200 rs.
	Semestre . . . . .	600 "
Fóra da cidade	Anno . . . . .	1\$400 rs.
	Semestre . . . . .	700 "
Numero avulso . . . . .		30 "

## Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha . . . . .	20 "
No corpo do jornal . . . . .	100 "

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar.

# JORNAL DE GUIMARÃES

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão—Typographia Minerva

Orgão do Centro Nacional

Editor

Francisco A. da Silva

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Guimarães, 25 de outubro de 1902

## NACIONALISMO

### Um acto de força

Para muito poucos dos nossos leitores será novidade o caso que vamos narrar e que, ha dias a esta parte, tem sido objecto de variadissimos commentarios na imprensa de todas as côres e nas conversações de todas as pessoas mais ou menos interessadas na politica portugueza.

Ninguém ignora que o director politico do *Correio Nacional*, que é o orgão principal do *Nacionalismo*, era ultimamente o snr. Dr. Quirino Avelino de Jesus. Este cidadão, que é um escriptor de merecimento, fazia parte da commissão organizadora do Centro Nacional, com a qual esteve desde o principio em plena communhão de ideias, prestando bons serviços á causa do esperançoso partido.

A certa altura porém deulhe para mais uma vez mudar de opinião, introduzindo subrepticamente no jornal que dirigia artigos contrarios ao espirito do partido nacional e á doutrina que elle mesmo anteriormente advogara: com o que atraioava manifestamente a missão de que o haviam encarregado.

Chamado á responsabilidade, reconheceu o erro do seu procedimento e prometeu emendar-se. Mas, se bem o prometeu, melhor faltou. Pelo que a vigilante e zelosa commissão teve por necessario expulsá-lo da direcção do jornal.

Então o snr. Dr. Quirino de Jesus dirige-se a todos os periodicos da capital, sem exceptuar os republicanos e aquelles mesmos cujas doutrinas mais duramente havia combatido, e pede-lhes a publicação duma carta cheia de falsidades, aleivosias e má fé, com a qual suppõe que justificaria o seu procedimento indigno.

Mas, *quos Jupiter vult perdere, prius dementat*: tal carta, bem longe de o abrigar do desar da expulsão, é, só por si, ainda aos olhos de quem ignore a verdade dos factos incriminados, mas que tenha bom senso e um pouco de re-

flexão serena para fazer a philosophia do documento, a mais completa exauctoração que o instincto mysterioso da consciencia podia fazer lavrar ao proprio criminoso.

Que conceito se ha de fazer dum homem, que atraiçoa conscientemente uma missão de melindrosa confiança, de que por vontade se encarregara? Que, advertido, promete solemnemente mudar de procedimento, para em breve calcar aos pés a propria palavra? Que, tendo sido admitido á participação de actos graves, em que collaboraram terceiras pessoas, cujos nomes respeitáveis uma discreta reserva sempre conservára em silencio, vem pôr em publico particularidades que ninguém o autorizou a divulgar? Que, tendo feito parte duma corporação, cujos altissimos ideaes se tornaram incompatíveis com a volubilidade das suas interesseiras opiniões, se não despede della, sem que o expulsem, para depois vir cá para fóra denegrir com calumnias as ideias e pessoas que mui livre e cortêsmente podia ter abandonado? Que combate hoje o que hontem defendeu, não por simples mudança de opinião (que sempre é possível, ainda no homem mais grave e reflectido), mas por tão obstinada suggestão, que, deslembado de que o desmentem os seus proprios escriptos, chega a significar que nunca pensou doutro modo, e a insultar quem não pensa como elle?

Um homem, que pretende justificar-se por este modo, que credito ha de merecer, quando, á mingua de accusações verdadeiras que possa lançar sobre os collegas que o julgaram indigno de viver entre elles, architecta factos incriveis, até moralmente impossiveis, dos quaes, a serem verdadeiros, elle houvera sido cumprido solidario?

Por isso não admira que a redacção do jornal que o despeitado escriptor deixou de dirigir, qualifique de falsas e aleivosas as suas accusações, e o intime solemnemente a que, no prazo de quarenta e oito horas, as prove, sob pena de ficar tido perante a opinião publica como calumniador convicto.

O certo porém é que este

incidente, naturalissimo numa sociedade em que os caracteres, por falta de convicções sinceras e profundas, boiam á mercê de todos os ventos, tem sido larga e maliciosamente explorado pelos inimigos do *Nacionalismo*, como um symptoma indubitavel da proxima derrocada do novo partido.

Vê-se claramente que os paladinos da rotação reconhecem a verdadeira significação do caso: mas a incompatibilidade dos seus interesses e ambições com as austeras doutrinas politicas do *Nacionalismo*, e o medo, mais ou menos explicitamente confessado, que lhes incute o progredir admiravel do patriótico partido, levam-nos a aproveitar a occasião para semear nos animos o desalento e a desconfiança.

Nada conseguirão todavia com a expressão dos seus mal disfarçados despeitos, senão dar vulto a um facto que caracteriza eloquentemente o espirito superior do *Nacionalismo*, pondo no foco contrario a decadencia pôdre dos partidos da rotação.

Sim: o acto de força com que a commissão nacionalista de Lisboa apartou do seu gremio um desleal, que lhe atraioava os ideaes, contrasta flagrantemente com as baixezas e indignidades, com as quebras de caracter e sacrificios do bem publico, que na rotação se commettem para submeter um discolo ou reduzir um dissidente.

E' que aqui sacrificam-se as ideias ás pessoas, ao passo que no *Nacionalismo* as pessoas é que hão de servir as ideias.

Os nacionalistas pois só têm que applaudir-se no momento presente, pela força e pureza de principios que este incidente veio demonstrar que existem no seu partido, e pela importancia que todos os adversarios confessam reconhecer-lhe, com o desmedido alvoroço que fazem a respeito do caso.

Ainda quando não concorressem no snr. Dr. Quirino de Jesus os tristes precedentes, de que parecia emendado, e as circumstancias desta occasião, que elle mesmo se encarregou de publicar (o que tudo faz crível a suspeita de que no assumpto entrasse tramoia rotativa), que importava a saída dum, dois, ou meia duzia de homens, duma aggremação,

que attende mais á qualidade do que ao numero dos apóstolos do seu programma?

Oxalá que todos os Quirinos, se alguns mais infestam, intrusamente, os arraiaes do *Nacionalismo*, se decidam a despir as hypocritas pennas, com que se enfeitaram para entrar no gremio dos amigos da Religião e da Patria, e voltem ao originario bando dos gaios da rotação, dos quaes a natureza os não deixa viver divorciados.

### Cruzada a favor da boa imprensa

(Continuação)

#### 4 — Causas que favorecem a imprensa má

A imprensa má tem suas causas dentro e fóra de nós: dentro de nós, no individuo; fóra de nós, na ignorancia, covardia e inercia dos bons, e na audacia e actividade febril dos maus. Dentro de nós ha, ao lado da natureza boa, uma natureza má, tórpe, soberba, insolente e desenfreada. Chamam-lhe a *besta humana*. O seu unico desejo é satisfazer todos os seus appetites e quebrar todos os obstaculos que a isso se oppõem.

Homens ha, que enfreiam e dominam fortemente essa *besta* ruim, impondo-lhe o jogo da razão, segundo os dictames da consciencia e da lei de Deus. Os que assim procedem habitualmente são e chamam-se *bons*. Nestes tambem a tal *bestinha* vive e trabalha, mas é forçada a trabalhar para o bem. Outros porém largam-lhe as rédeas, e deixam-se até enfrear por ella; outros pactuam com ella. Os primeiros são os republicanos e os socialistas, os segundos são os politicos intrigantes e egoistas, de que acima fallamos.

A alma socialista e republicana quer pabulo abundante de paixões e libertinagem absoluta para tudo.

Lá vem a *sua* imprensa a defender a sua causa, a quebrar os laços da auctoridade, da familia e da Religião, a legitimar-lhe os vicios mais tórpes e a conculcar a virtude e a honestidade. Gravuras indecentes, romances e contos immoraes servem de prato delicioso a essas almas tórpes e degradadas.

A alma politica é aristocratica e manhosa. Tambem quer pabulo de paixões ruins, como a outra; mas é mister saber-lho dar. O pabulo vai envolto na farinha das *conveniencias partidarias*, dos *interesses pessoais*, das *exigencias dos tempos*. Tambem deprime a virtude, mas só o faz pelo zelo que tem pela Religião, para evitar exaggeros, para não provocar ou para acalmar as iras das turbas furiosas. Por isso, pactua com ellas, é condescendente no parlamento e na politica, e dá de quando em quando a sua picada na *seita* da Igreja, sobretudo

nos bispos, nos padres, nos jesuitas, nos frades e nas freiras, nesses *sectarios* do Evangelho. E' tambem liberal nos mandamentos mais *retrogrados*, no 6.º e 7.º da velha lei de Deus, e em quasi todos os da Igreja. Mas «pelo cerebro e pelo coração» é catholica; não falla aos *Te-Deums* de parada, põe a sua opa em certas procissões *chiques*, e vai até ás varas do paleo: mas, quando as turbas berrarem, berra tambem com ellas, para não ficar calada. Tal é a ingenua alminha liberal!

Se o não acreditas, leitor, abre os olhos e vê o que vai por esse mundo, e não sejas simplorio.

Isto explica a *diffusão*, o *favor* e o *desavergonhamento* que a imprensa má tem entre nós. A nossa maior illusão é julgarmos que vivemos sob uma legislação catholica. Infelizmente não é assim.

As leis portuguezas são oppressoras para com a Igreja, cujos membros são considerados como funcionarios do Estado, cujos fleis são perseguidos por causa de seguirem os conselhos do Evangelho, cujo chefe nem sequer tem liberdade de comunicar com o povo christão sem o *placet* regio. Os governantes, quando não são mações ou maçonizantes, são homens absolutamente faltos de instrução religiosa, que não praticam a Religião senão em occasiões de parada, que vivem e morrem geralmente sem sacramentos. Numa palavra, são homens sem convicções, sem principios, sem caracter, e dominados de medo perante as ameaças de qualquer jacobino. O povo portuguez das cidades e centros principaes e até de muitas aldeias vive na maior ignorancia religiosa e, quando jacobinizado, é malcreado, grosseiro, insolente.

Para toda esta gente a imprensa jacobina e má é mel caído do ceu, é o pabulo quotidiano e o incitamento de suas tórpes paixões. O homem mau e covarde é velho e cynico. Sente um prazer infernal em ver justificado e approvado o seu crime e sobretudo em ridicularizar e escarnecer a virtude. O odio e o desprezo do bem é-lhe ainda mais saboroso que a pratica do mal e o desafogo brutal das paixões. Tem horror á luz e ao isolamento: por isso é contagioso, como as epidemias; quer ser turba e multidão, e essa ha de ser malcreada, insolente, desbragada, berradora e revolucionaria. Estas são as causas sociaes e individuaes, que originam e favorecem a imprensa má, dentro do seu proprio meio social. Mas fóra desse meio, essa imprensa tem um poderosissimo auxilio na *inercia*, *covardia* e *sordidez* duma grande parte dos bons.

Os primeiros, e os não menos gravemente culpados, digamo-lo com franqueza, são infelizmente alguns membros do clero. Os jacobinos exaltam ás vezes o clero, mas é o clero sem instrução e sem consciencia dos seus deveres; é o clero ignorante, grosseirão, sensual, interesseiro e politiquero intrigante. Esse clero, onde existe, é *naturalmente* assignante e leitor assiduo da imprensa má e até da imprensa jacobina;

o como as ovelhas seguem o pastor, os fleis, confiados ao cuidado desses mercenários, são como elles.

Em face deste clero repugnante ergue-se em pleno contraste a phalange digna do clero secular instruido e zeloso e o clero regular com a sua triplice aureola de pureza, de independencia e dessa firmeza adamantina, que nenhum interesse mundano é capaz de dobrar e torcer. Este duplo clero é naturalmente o opprobrio do primeiro e a victima dos furores jacobinos. É mister arredá-lo e fazê-lo calar a todo o custo. Assim se explicam até certas prégações *liberaes*, que se ouvem em tempos de delirio jacobinico, e o estado lamentavel de ignorancia, de indifferença ou melhor de antipathia religiosa de grande parte do povo portuguez e a falla de resistencia que esse povo offerece á imprensa má.

(Continua).

## O Professor Miguel de Lemos

O n.º 585 de *O Lima*, de Ponte do Lima, de 19 de setembro, trazia, no logar editorial, um artigo superiormente elaborado em incitamento á Camara daquella villa formosa, para executar a deliberação de 10 de março de 1900, a qual consiste em homenagear a memoria dum homem illustre, que viveu naquella terra e que á mesma consagrou a melhor parte da sua intelligencia fecunda e da sua actividade prodigiosa.

O morto, que pela sua dedicação incansavel e pelas suas benemerencias acrysoladas mereceu á vereação municipal de Ponte do Lima a promessa dum publico testemunho de veneração e grato reconhecimento, é Miguel Roque dos Reis Lemos, que ha talvez cinco annos falleceu em Vianna do Castello, onde era professor das cadeiras da Lingua e Litteratura portuguezã, no Lyceu, desde 1887, tendo, até a esta data, por despacho do mês de outubro de 1854, leccionado em Ponte do

Lima Grammatica Portuguezã, Latim e Latinidade.

Nas vagas horas do seu labor pedagogico, que era muito, porque, além do serviço official, ensinava gratuitamente (aproveito a occasião de frisar este ponto) diversas disciplinas secundarias, Miguel de Lemos ia, como em religiosa e ardente romagem, de cartorio em cartorio, pela Camara, pela Misericordia, pelas confrarias e por casas particulares antigas, reavivando com a luz do seu olhar intelligente caracteres meio- apagados de poeirantes pergaminhos; e ia cheio da majestade serena dos desinteressados, paciente e dedicado, sob o dominio estimulante da ideia de ser util á terra que lhe bebia as melhores camarinhas do suor de suas fadigas.

Trabalhou annos com assiduo afã e, ao retirar-se para o terrão que lhe foi berço e campa, deixou, no archivo municipal da terra amada onde semeara o grão do seu talento, um manuscripto monographico que encerra "a historia das antiguidades locais, até ahi cheia de trevas e cheia de lendas," na expressão do articulista de *O Lima*.

A homenagem que intentam prestar á alma do saudoso octogenario, que foi resolvida em sessão de 10 de março de 1900, consiste na publicação do manuscripto archivado.

Decorridos dois annos e meio sem aquella deliberação ter passado... da acta daquelle dia, veio generoso espirito evocar do esquecimento ideia tão louvavel.

Daqui junto a minha voz humilde ao seu brado quente, entusiasta.

Se se tratasse dum qualquer pedante endinheirado com grandezas, commendas e heraldicos brazões bastardos sobre o peito frio e devasso, erigia-se-lhe monumento... em vida até (que era mais lucrativo, porque os legatarios, ás vezes, não herdavam a vaidade do testador...)

sem tratado tão cruelmente, talvez tivesse animo para o soffrer: mas um tão grande homem!... Mas Belisario!... Não, não posso perdoá-lo! — «Mas perdão eu, disse o heroe. Que outra coisa pôde mover-te á vingança, senão o interesse que por mim tomas? Ora, se eu renuncio a isso, has tu de ir mais longe do que eu quero? E' bem que saibas que, se eu quisera lavar a injuria que me fizeram, não fallariam povos que se armassem para servir ao meu resentimento. Mas obedeço ao meu destino: imita-me. Não julgues saber melhor do que Belisario o que é honesto e legitimo: e se te sentes com animo para arrostar a morte, guarda essa virtude para servir ao teu principe e á tua Patria.»

A estas palavras, o ardente brio do generoso moço aplacou-se como abafado pelo espanto e pela admiração. «Perdoai-me, disse, meu general, este arrebatamento, de que já me envergonho. Foi o excesso dos vossos infortúnios o que inflammou a minha alma. Condemnando o meu zelo, deveis conceder-lhe alguma excusa.»

Trata-se dum honesto e honrado trabalhador espirital, que sagrou as melhores energias do seu valor possante áquella terra. A Camara resolve publicar o manuscripto do egregio paladino da instrucção, publicação que, aliás, viria espalhar doirada luz sobre as almas raras que della têm ancia...

E, com esta resolução, a Camara pagou o tributo devido á memoria exemplarissima do homem de bem!...

E é isto sempre e em toda a parte!

Um ponto sentidamente notado pelo articulista, e que infelizmente é duma flagrante verdade, é o desdem boçal que quasi todos votam á archeologia.

Na verdade, só muita má fé ou estupidez refêce pôde levar tal desdem a ponto de se escarnecerem e desprezarem os que se dedicam a arrancar ás entranhas da terra, ás grutas e ás cavernas, aos retabulos carunchosos e ás antigualhas bolorentas, a exposição por vezes minuciosa de factos e occorrencias, de cuja analyse methodica e bem curada resaltam para a historia clarões deslumbrantes de intensa luz.

Entre nós ainda bem que surgem espiritos summamente dedicados ao estudo das velharias impertinentes.

Ainda o anno passado o snr. Albano Bellino nos deu a *Archeologia Christã*, precioso ornamento da estante dum padre e repositorio utilissimo de conhecimentos que muito honrarão o elenco scientifico dum ministro da Igreja (1).

(1) Conhecemos bem o livro a que o nosso distincto collaborador se refere. Fazemos justiça ao genio curioso e trabalhador do illustre auctor, mas não devemos encobrir (nem S. Ex.ª pôde levar a mal a imparcialidade da nossa affirmação) que na *Archeologia Christã*, apesar de toda a sua boa fé e zelo, escaparam uns senões, que decerto já estarão emendados á margem pela mesma mão, a que passaram despercebidos.

Nota da Redacção.

—«Faço mais, replicou Belisario: estimo-o como fructo duma alma forte e generosa. Permite-me porrem que o dirija. A tua familia precisa de ti: quero pois que vivas para ella. A teus filhos é que deves recomendar os inimigos de Belisario.» — «Dizei-me os seus nomes, tornou com ardor o brioso camponês. Eu fico que meus filhos os odiem desde o berço.» — Os meus inimigos, disse o heroe, são os Scythas, os Hunnos, os Bulgaros, os Esclavonios, os Persas, numa palavra todos os inimigos do Estado.» — «Homem extraordinario, exclamou o aldeão, prostrando-se aos pés de Belisario!» — «Adeus, meu amigo, disse o heroe, abraçando-o. Ha males inevitaveis, e a unica coisa que está na mão do homem justo é não merecer os que lhe tocam. Se algum dia o abuso do poder, o esquecimento das leis, a prosperidade dos maus te irritar, lembra-te de Belisario. Adeus.»

### CAPITULO V

Avizinhava-se o momento, em que a constancia do velho solda-

E ainda ha bem pouco Guimarães manifestou, dum modo bizarro, a sua congratulação e o seu orgulho por Martins Sarmiento — o cavador da Citania e do Sabroso, em cujo sopé traço estas linhas.

E a proposito de M. Sarmiento e do cortejo em sua memoria, seja-me permitido fazer um reparo: é o de lastimar, e muito, que o povo, que levou ao cortejo flores e palmas, ficasse a ter de Martins Sarmiento a ideia que ficou, a de que foi um homem grande; mas sem comprehender o valor da sua grandeza, o seu alcance, o seu verdadeiro merito.

O nosso povo é e ha-de ser sempre assim: anda e desanda, sua e tresua, dirigido e avergado ao latego dos que mandam e podem mandar por qualquer forma.

Annuncia-se uma festa. O povo accorre, chamado pelo estronhear e pelas vistas dos foguetes, pelos certames musicas, pelos coloridos das illuminações. No fim, se lhe perguntarem pelo nome do heroe ou do "santo," da funcção, não sabe responder.

E, para finalizar, com os desejos de que a Camara limicense execute brevemente a sua nobre resolução em honra do saudoso benemerito, o velhinho Miguel de Lemos, que eu venero em espirito, uno ardentes votos por que todas as municipalidades do paiz, e especialmente a nossa, se esmerem em promover ferrosamente o bem-estar material e moral de seus municipes. S. Lourenço de Sande, 22 — 10 — 902.

P.ª Silva Gonçalves.

## PENSAMENTOS

### Sobre louvar e ser louvado

E' necessario merecer os louvores e fugir delles.

do ia passar por uma provação bem mais custosa. E' tempo de dizer o que se passou por occasião da sua prisão.

Na noite em que elle foi preso e posto em ferros como reu de alta traição, derramou-se em seu palacio o espanto e a consternação. O despertar de Antonina, sua mulher, e de Eudoxia, sua filha uniea, foi uma scena tristissima de angustia e terror. Antonina, quando finalmente voltou a si do deliquio em que caíra, lembrando-se das bondades, com que a honrava a imperatriz, a si mesma se exprobroou o terror de que se deixara possuir. Admittida á mais intima familiaridade de Theodora, companheira de todos seus prazeres, nenhuma duvida punha no seu socorro. Vai pois procurá-la, logo que foi tempo de ella se levantar da cama, e em presença de toda a côrte: «Senhora, disse lançando-se-lhe aos joelhos, se Belisario teve mais do que uma vez a felicidade de salvar o imperio, pede agora como recompensa que lhe declarem francamente o crime que lhe imputam e obriguem os seus inimi-

—Os louvores são satiras, quando não são sinceros.

—Louvores fingidos, prompto são desmentidos.

—Ha injurias que louvam e louvores que injuriam.

—O merito dos que louvam, é que dá valor aos louvores.

—Pessoas ha, cujo odio e desprezo honram mais do que a sua amizade e os seus louvores.

—Ninguem é mais generoso em louvar os outros, do que o que é mais digno de louvores.

—Louvar na presença é louvar grosseiramente.

—Ordinariamente louva-se para se ser louvado.

—E' bom louvar os que morrem, para animar os vivos.

—Não se pôde fazer uma critica mais mordaz a qualquer pessoa, do que louvá-la por qualidades que não tem.

—A prudencia aconselha que se não louve a um homem sem reserva antes da morte, nem a um paiz antes de sair d'elle.

—Bom é ser louvado; porém melhor é ser digno de louvor.

—O que a si mesmo se louva, depressa encontra quem d'elle se ria.

—Quem ouve louvores que não merece deve ouvi-los a titulo de instrucção.

—Ha tanta baixeza na maior parte dos louvores, que degradam mais a quem os dá, do que honram a quem os merece.

—A modestia que parece recusar louvores, não é ás vezes mais do que desejo de os ter maiores.

—Louvar os principes por virtudes que elles não têm, é dizelhes impunemente injurias.

—Geralmente gosta-se de ser louvado; porém só são deliciosos os louvores merecidos.

—Temei mais o louvor do que a censura; o louvor disfarça ou encobre os vossos defeitos, a censura manifesta-os.

—Preferi sempre os que vos aconselham aos que vos louvam.

Não levanteis estatuas, nem prodigalizeis louvores aos que ainda não terminaram a carreira da vida.

—Desculpai em qualquer tempo, e não louveis nunca, sem primeiro calcular as circumstancias e os resultados.

—O louvor é uma especie de mercadoria, que é necessario pensar bem antes de entregar, assim como antes de receber.

—Os louvores, tão desejados e tão prodigalizados no mundo,

gos a accusá-lo de cara no tribunal do imperador. A liberdade de os confundir é a unica graça digna d'elle.» Theodora deu-lhe signal que se levantasse e respondeu-lhe em tom de inexplicavel frieza: «Se Belisario está innocente, nada tem que recear; se está culpado, conhece bem a clemencia de seu senhor e deve saber como ella se move. Ide, senhora; eu não esquecerei que tivestes parte em minhas bondades.» Este frio acolhimento e esta aspera despedida esmagaram Antonina. Pallida e tremula, lá se foi, sem que ninguem ousasse pôr nella os olhos: e o mesmo Barsames, com quem topou, passaria sem a ver, se ella lhe não dirigisse a palavra. Barsames era o intendente da fazenda e o favorito de Theodora. Antonina supplicou-lhe que se dignasse declarar-lhe qual o crime de que accusavam Belisario. «Eu, senhora? Nada sei, nada posso, em nada me metto, senão com o meu dever. Se todos assim fizessem, a ninguem faltaria o socego.»

(Continua).

## FOLHETIM (9)

# BELISARIO

(Traducção)

«Meu amigo, tornou Belisario, essa é a excusa dos bandoleiros. Um homem justo, um homem de bem magôa-se de ver vergar as leis; mas ainda sentiria mais vê-las violar com plena licença. Esta violencia que lhes fazem é um mal sim, mas um mal passageiro; ao passo que a sua destruição seria uma calamidade permanente. Queres atemorizar os maus, e pretendes dar-lhes o exemplo! Ah! bom môço, queres tornar odioso o nobre sentimento que a minha condição te inspirou? Has de fazer detestar essa piedade tão terna? Em nome da virtude, que tu amas, conjuro-te a que a não deshonres. Não se diga que foi o seu zelo quem armou e guiou a mão dum furioso.»

«Se fosse eu a quem houves-

não são nem podem ser indifferentes: são uteis ou funestos; são o que ha de mais vil ou de mais nobre.

—Os louvores que se dão a pessoas revestidas de poder e autoridade, muito pouco devem li-sonjear o seu amor proprio.

Da Revista Popular.

## Notas e Noticias

### PELO MUNDO

#### Gado lanigero

Um jornal australiano dá as seguintes informações acerca do gado lanigero no mundo inteiro:

A Australia possui 92.000.000; cabeças desta classe de gado; a Europa tem 165.000.000; a Asia, 53.000.000; a Africa, 13.500.000; os Estados-Unidos, 42.000.000; o Canada, 4.500.000; a Republica Argentina, 80.000.000, e os outros Estados sul-americanos, 40.000.000. Um total de 490.000.000 cabeças.

#### O dinheiro dos millionarios

Contam-se 18 millionarios, que possuem os seus yates e que sacrificam a este prazer 80 milhões por anno, e immobilizam assim um capital de 180 milhões (1.440 contos); ha ainda outros 15, que sustentam cavallariças, dispendendo com cada uma 2 milhões.

O sr. Pierpont Morgan compra todos os annos certo numero de quadros por um milhão e meio (270 contos).

Outros, felizmente, fazem larguezas á caridade. O sr. Carnegie dispende os seus rendimentos em obras de beneficencia. O anno passado, por exemplo, distribuiu 25 milhões na America, para fundação de bibliothecas, 25 milhões para obras de operarios, e ainda 25 milhões em favor dos seus patricios da Escocia.

O sr. Spiller, de Londres, sustenta 8 hospitaes ou asylos de creanças, dispendendo perto de 3 milhões por anno.

#### A Confissão

Ha alguns meses um ourives de Bruxellas fôra victima dum roubo consideravel; por meio de gazúas tinham-lhe furtado peças de prata admiraveis e prendas de grande valor.

Ora ultimamente um Capuchinho apresenta-se ao commissario de policia e entrega-lhe todos os objectos furtados. Tinha-se-lhe apresentado um homem no confessorario e declarara, que, ralado de remorsos, lhe pedia a elle confessor o obsequio de ir restituir os objectos roubados.

#### Um arcebispo fingido

Os jornaes parisienses occu-  
pam-se largamente dum sensa-  
cional caso de burla, que pela  
importancia das sommas extor-  
quidas por um processo engenho-  
so—nada menos de 1.700.000  
francos—recorda o famoso pro-  
cesso Humbert-Daurignac.

Eis os factos:  
Um tal Rozemberg, que se  
apresentara em Paris como arce-  
bispo «in-partibus» de Smyrna,

de combinação com o seu chan-  
celler Gadobert, fez constar que,  
pela sua influencia junto da sa-  
grada congregação de Roma, po-  
dia conseguir com a maior facili-  
dade a annullação dos casamentos  
religiosos.

Acreditando piamente nos po-  
deres do falso principe da Igreja,  
uma rica rendeira de Passy, cha-  
mada senhora Berta Civet, di-  
vorciada ha pouco e desejava de  
regularizar a sua situação peran-  
te a Igreja, a fim de poder con-  
trahir novo casamento, não du-  
vidou fazer um deposito de  
70.000 francos.

Passados dias, Gadobert ex-  
hibiu-lhe um breve do Papa, an-  
nullando o primeiro casamento;  
escusado é dizer que o documen-  
to era falso.

Cansada por fim dos constan-  
tes subterfugios invocados por  
Gadobert, a snr.<sup>a</sup> Civet decidiu-  
se a apresentar a sua queixa ao  
juiz de instruccão, snr. Flory.

O pretensio chancellor foi pre-  
so.

Circo de gallos ingleses: funcção perma-  
nente

Achamos na *Quinzena Reli-  
giosa* o seguinte episodio, que ca-  
racteriza fielmente a desgraçada  
vida de muitos lares domesticos:  
desses, donde saem os homens a  
que não só falta toda a educação,  
mas que têm bebido com o leite  
os mais perniciosos exemplos.

—Joãozinho, meu filho, desce  
da cadeira, que rompes as calças!

—Não estou para isso!  
—Luiz! Não te disse já que  
não brinques com o relógio? Olha!  
Já quebraste o vidro e vais que-  
brar a machina! Não arrebita-  
res tu!... Rapaz deixa esse re-  
lógio!...

—Não quero!  
—Olha que me levanto e te  
quebro sete costellas! Deixas o  
relógio ou não?

—Não o deixo! Tenho vonta-  
de de brincar com elle! E a ti  
que te importa?

—Desvergonhado! maroto! Tra-  
tante! A culpa de tudo isto tem-  
na o perdido de teu pae, que não  
me deixa educar-vos á minha von-  
tade!... Não deixas o relógio?  
Pois toma, e toma, e toma!...

—Ai, ai, ai! Papá, papá, vem  
depressa, que a mamã está a ba-  
ter-me.

—O que é isso, mulher?...  
Por que bates no Luizinho?

—Porque quero! Nem mais  
nem menos! Que estou já muito  
farta delles e de ti! Não ter eu  
arrebitado antes de casar com-  
tigo!

—E's um valente animal!  
—Mais és tu!

—Mas vamos a vêr; por que  
lhe estavas batendo?

—Não ouviste já, que era por-  
que queria? Não sou eu a sua  
mãe? Bati-lhe, porque me não  
obedece e me respondeu mal!

—Dize que não, papá! Que is-  
so é mentira! Bateu-me por ter  
tomado o relógio! E eu quero o  
relógio, quero!

—Bati-lhe porque estava brin-  
cando com elle, e ia quebrá-lo!

—Pois fazia bem em brincar  
com elle. Ora tu que nunca has  
de consentir que os pequenos se  
distráham com coisa alguma! Di-  
ze que sim, meu filho, toma o re-  
lógio e brinca com elle, que teu  
pae ainda tem dez mil réis para  
comprar outro, se o quebrares!

—Pois não ha de brincar com  
o relógio!...

—Pois ha de brincar! Não te  
has de sair com a tua! Toma o  
relógio; meu filho!

—Luiz, larga o relógio já, im-  
mediatamente! Traze aqui já o  
relógio!

—Ai, ai, ai! Papá, que me ti-  
ra o relógio. Bate-lhe!

Um segundo depois, a funcção  
acha-se no seu apogeu, leitor. A  
mãe intenta tirar o relógio ao ra-  
pazinho; este resiste insultando  
sua mãe, batendo o pé e morden-  
do-lhe nas mãos; acode o pae em  
auxilio de Luizinho; a esposa vol-  
ta-se então contra o esposo, feita  
uma fêra; o esposo lança mão duma  
vara e começa a medir as costas  
á esposa; esta grita; acode a filha  
mais velha, que se colloca da par-  
te da mãe; em seguida os crea-  
dos, que se põem da parte daque-  
le que ralha menos ou daquelle  
que os deixa furtar mais; e du-  
rante alguns segundos não se ou-  
vem mais do que gritos, pancadas,  
soccas, correrias, insultos,  
palavrões e más razões, que con-  
vertem o lar domestico num circo  
de gallos ingleses durante as ho-  
ras da funcção.

E é necessario advertir, leitor,  
que em taes circos a funcção está  
sempre armada: ás vezes será  
menos estrepitosa, mas não cessa  
nunca: é funcção permanente.

### NO PAIZ

#### Centro Nacional

Em assembleia geral do Cen-  
tro Eleitoral Nacionalista do Por-  
to, a que presidiu o snr. conde de  
Samodães, além da discussão de  
outros assumptos de organização  
e propaganda politica, approvou-  
se com vivo entusiasmo a se-  
guinte moção:

«Considerando que o Centro Nacio-  
nal, como partido politico, dentro dos  
princípios da doutrina catholica, cor-  
responde ás aspirações de todo o patrio-  
ta que não vem ao Nacionalismo bus-  
car a satisfação de interesses e ambi-  
ções pessoais;

«Considerando que o partido nacio-  
nalista nada perde, antes se consolida,  
pela exclusão de um ou outro membro,  
contrario a esta doutrina, já consagra-  
da pelos factos, e a unica capaz de rea-  
lizar o ideal sublime dos nossos amigos  
leaes e correligionarios dedicados;

«O Centro Eleitoral Nacionalista do  
Porto, reunido em assembleia geral, re-  
solve significar a sua adhesão e muita  
sympathia á Comissão Central instal-  
ladora, pela affirmação solemne destes  
mesmos princípios, baseada num facto  
recente da expulsão de um homem ver-  
satil e indigno de pertencer ao nosso  
partido.»

E' esta, tambem no nosso en-  
tender, como em outro logar affir-  
mamos, a unica significação que  
para os animos de boa fé tem a  
triste façanha do snr. Quirino de  
Jesus.

#### Administrador pimpão

Ante-hontem, em Oliveira de  
Azemeis, depois duma discussão  
de character meramente pessoal,  
travaram-se em bulha ainda mais  
concretamente pessoal os advo-  
gados Adolpho Coutinho e Ama-  
dor Valente.

Depois de o primeiro receber do  
segundo um par de lindas bofeta-  
das e lhe corresponder com uma  
elegante bengalada, lembrou-se de  
que o governo tinha posto á sua  
disposição outra arma de razoavel  
efficacia, e, lançando mão da  
sua auctoridade de administrador  
do concelho, dá voz de preso ao  
seu contendor, manda-o recolher  
na cadeia e deixa-o em absoluta  
incommunicabilidade!

Houve quem por telegramma  
exposesse o succedido ao snr. go-  
vernador civil e ao snr. ministro  
do reino, pedindo providencias.

Não tardou que ao Dr. Valen-  
te fôsse mandada levantar a in-

communicabilidade: mas a má  
sorte de não ser elle o adminis-  
trador lá ficou a expiá-la na pri-  
são.

Provavelmente o administrador,  
pelo heroico acto de desinteres-  
sado zelo na manutenção da or-  
dem publica, tem commenda ou  
subida de posto.

Aos iracundos, que por *dá cá  
aquella palha* aquecem as costel-  
las do proximo, aconselhamos a  
receita de se fazerem administra-  
dores, para melhor assegurarem  
a immunidadade da pelle.

#### Bôa abobora

Já que os homens publicos  
entre nós só se notabilizam pelas  
suas tolices, deixemo-los: falle-  
mos... das aboboras.

Lemos ha poucos dias em fo-  
lhas do Porto que se creou, não  
nos lembra em que abençoado  
quintal, uma abobora descommu-  
nal, que se acha em exposição  
publica.

Façam os leitores ideia: o seu  
peso é duns lindos setenta e oito  
kilogrammas e meio!

Vamos lá, que os governos  
ainda não conseguiram tirar a  
feracidade ao chão portuguez.

### EM GUIMARÃES

#### Pão de Santo Antonio

Abriu-se ha dias a caixa, que  
na igreja de S. Francisco recebe  
as esmolas para o pão de Santo  
Antonio. Continha a quantia de  
23\$300 réis.

A respectiva commissão dis-  
tribuiu hontem 200 borôas de pão  
a outros tantos pobres.

Aqui está um excellente meio  
de que podem lançar mão as al-  
mas caridosas, para exercer a  
verdadeira caridade para com os  
pobres.

#### Sociedade M. Sarmento

A subscrição que ha cerca de  
dois annos foi aberta por esta  
sympathica corporação, para as  
obras do edificio da sua sede, so-  
be já a mais de 3:300\$000 réis.

#### Bombeiros voluntarios

Tambem esta benemerita As-  
sociação abriu o anno passado uma  
subscrição para aquisição de ma-  
terial. Não tem trabalhado em vão,  
porque já reuniu a linda verba de  
900\$000 réis, que está a engros-  
sar todos os dias.

#### O homem mumia

Depois dumas sortes de presti-  
digitação, que exhibiu ante-hon-  
tem num das salas do Theatro de  
D. Aphonso Henriques, entaipou-se  
dentro de um armario crivado de  
prêgos, no mesmo Theatro, o co-  
nhecido prestidigitador Almeida  
Lebre.

Alli nos dizem que tenciona  
permanecer, sem comer nem be-  
ber, até amanhã de tarde.

#### Professor de dezenho

Acaba de ser transferido do  
lyceu de Villa Real para o nosso  
Seminario-Lyceu o snr. José Luiz  
de Pina, nosso conterraneo, que  
já em tempo alli exerceu interina-  
mente o mesmo cargo.

### Preço dos cereaes

No mercado de hoje, vende-  
ram-se nesta cidade os cereaes pe-  
los preços seguintes:

Milho branco .....	650
» amarello .....	620
Feijão rajado .....	760
» branco .....	1:100
» amarello .....	800
» vermelho .....	1:250
» frade .....	840
Painço .....	580
Milho alvo .....	700
Centeio .....	700

### Caridade

Recommendamos á caridade  
dos nossos leitores o pobre Antonio  
Pereira de Mesquita, que se acha  
entrevado, e não tem quem o sus-  
tente, nem á mulher e filhos, de  
que se vê cercado.

Mora na rua da Alegria n.º 29.

### LITTERATURA

#### A aguia e o corvo

Vendo um corvo uma aguia arrebatat  
Nas garras um carneiro,  
Não podendo, coitado, pôr-se a par  
Da rainha do ar  
Na força e no tamanho,  
Mas sendo igualmente carneiro,  
Dirige-se ao rebanho,  
Paira grasnando,  
Mira o cordeiro  
Que acha mais refeito,  
Precipita-se e agarra-o com effeito,  
Mas ferrando-lhe as unhas na lâ só:  
Lá, por signal,  
Duma espessura tal,  
Que até mettia dó  
Ver o pobre animal  
Depois estrebuxar, a ver se ao menos  
Escapava daquella corriola.  
Qual!

Metteu-o o pastor numa gaiola  
E deu-o aos pequenos.  
Cada qual veja as suas aptidões  
E o grau que tem na ordem dos ladrões:  
A unha dum gato pouco abarca;  
Um pão, se tanto, quando não é preso.  
Roubo de peso  
Roubo de vulto, só ladrão de marca.

João de Deus.

### PUBLICAÇÕES

*Sermões de S. Leonardo de Por-  
to Mauricio* — Acabamos de rece-  
ber as cad. n.ºs 13 e 14 desta  
importantissima obra, cuja edição  
é feita pela Empresa da *Revista  
Catholica*, de Vizen.

Não nos cansamos de recom-  
mendar aos nossos assignantes e  
leitores a aquisição desta bella  
obra, onde se encontram modelos  
perfeitissimos de verdadeira pré-  
gação evangelica.

Os leitores que vão conhecen-  
do os meritos de tão importante  
publicação, dispensam-nos mais  
rasgados elogios. Bem merece pois  
a Empresa, que assim proporciona  
aos pré-gadores ensejo duma legi-  
tima orientação oratoria.

Estas cadernetas comprehen-  
dem os seguintes sermões: — Das  
consolações da vida devota — Da  
recaída — Da paz do coração —  
Maximas para as missões — Dis-  
curso de abertura — A malicia do  
peccado mortal — O numero dos  
peccados e da graça — Do pecca-  
do de escandalo — Da Santissima  
Virgem.

Agradecemos os exemplares  
recebidos.

**PAPELARIA**

**e Typographia Minerva Vimaranesse**

RUA DE PAYO GALVÃO (Em frente ao mercado)

Impressão de circulares, facturas, memoranduns, enveloppes, participações de casamento e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, repartições publicas e juntas de parochia, rotulos para pharmacia; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos, etc., etc.

Impressões a cores, e cartões de visita em todos os formatos.

*Albano Bellino*

**Archeologia Christã**

Descripção historica de todas as igrejas, capellas, oratorios, cruzeiros e outros monumentos de Braga e Guimarães. Publicação commemorativa do Jubileu Universal do Anno Santo, illustrada com 66 photogravuras dos monumentos religiosos mais notaveis das duas cidades do Minho.

Cada exemplar, com 300 paginas, 1:000 réis.

A venda na tabacaria de Augusto da Cunha Guimarães.

RUA DA RAINHA—GUIMARÃES

**DICCIONARIO APOLOGETICO  
DA FÉ CATHOLICA**

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

**J. B. JAUGEY**

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabies catholicos

TRADUZIDO DA 3.<sup>a</sup> EDIÇÃO FRANCESA

POR

**José Lopes Leite de Faria**

Presbytero, professor no Seminario-Lyceu de Guimarães

Com auctorição do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio, Bispo de Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42—1.<sup>o</sup> andar—Porto.

**SEM RIVAL!**

No estabelecimento de ARTHUR JOAQUIM REBELLO.

Café puro, especial, moido só á vista do freguez, moendo cada machina a sua especialidade.

MOKA .....	kilo 850
S. THOMÉ .....	kilo 700

Abatimento de 20 reis em cada kilo ao freguez que compre por moer.

EXPERIMENTEM  
PARA AVALIAR O QUE HA DE  
ESPECIAL NESTE ARTIGO

**Officina de encadernação da**

**Typographia Minerva Vimaranesse**

Rua de Payo Galvão

Nesta Officina executam-se todos os trabalhos dencadernação, brochuras, cartonagens, desde os mais simples aos mais difficeis na arte, para os quaes tem um escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e um habil artista.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

**OS CENTROS  
NACIONAES**

PELO

**DOM PRIOR**

**Manoel d'Albuquerque**

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim de Oliveira Bastos—Rua de Payo Galvão.

Preço 300 réis